

arqueología

NÚMERO CINCO



A PROPÓSITO DE UM VASO TRONCO-CÓNICO DO MUSEU DE AVEIRO

por Ana M. Bettencourt

1. INTRODUÇÃO

O vaso que nos propomos estudar, apesar de se encontrar há muitos anos no Museu de Aveiro (1), só foi referido marginalmente num trabalho de Albuquerque e Castro (2). Assim, pensámos ser necessário um estudo aprofundado deste recipiente, com vista a tornar-se um elemento mais, para o estudo deste grupo de vasos, tão frequentes no Norte de Portugal.

Quanto às condições de achado, sabemos que foi encontrado por Alberto Souto na mamoa da Terranha (3), juntamente com duas lâminas de sílex. Infelizmente nada se publicou desta «exploração» pelo que não temos quaisquer dados sobre as condições de jazida, o que, desde logo, restringe a importância destes materiais.

2. LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO

A mamoa da Terranha encontra-se situada numa grande chã do alto da serra do Arestal, freguesia de Silva Escura, concelho de Sever do Vouga. As coordenadas quilométricas, segundo a «Carta Militar de Portugal» (folha 164, ed. 1977) são: M = 553,9; P = 4515,8 à cota de 822 m (Fig. 1-A).

A zona em que este monumento se insere é rica em vestígios arqueológicos. Além de um penedo insculturado situado a meia encosta da vertente ocidental da serra dos Salgueiros (Arestal), e estudado por Alberto Souto (4), encontram-se nas proximidades mais quatro mamoas, que cartografámos: a mamoa do Outeiro-Castelo (C.M.P. 164: M = 554, 2: P = 4515,9) (Fig. 1.B.), a mamoa do Lameiro Longo (C.M.P. 164): M = 554,6: P = 4515,8) (Fig. 1.C), a mamoa da Espinhei-

rinha (C.M.P. 164: M = 554,4: P = 4514,6) (Fig. 1.D) e a mamoa da Alagoa (C.M.P. 164: M = 554,4: P = 4514,9) (Fig. 1.E).

Todos estes monumentos apresentam sinais evidentes de violação, sendo possível que a do Lameiro Longo tenha sido «explorada» por Alberto Souto, visto encontrar-se no museu de Aveiro um machado de anfibolito polido, de secção quadrangular, com 14 cm de comprimento, 4 cm de largura máxima e 3,5 cm de espessura, cuja etiqueta nos diz pertencer a este monumento (5) (Fig. 2).

Geologicamente, a serra do Arestal faz parte da grande mancha de xistos da Beira, onde predominam os xistos argilosos, xistos grauvacóides e quartzitos cinzentos, atribuídos ao Câmbrico (?) (6).

Devido às condições geomorfológicas desta serra pensamos ser possível a existência de mais mamoas nesta área, pelo que nos propomos levar a cabo uma prospecção intensiva do local.

3. DESCRIÇÃO DO VASO

Dimensões:

Altura — 9 cm

Diâmetro da abertura interior — 11 cm

Diâmetro da abertura exterior — 12 cm

Diâmetro interno à altura média das paredes — 9 cm

Diâmetro do fundo exterior — 6,5 cm

Espessura média das paredes — 0,6 cm

Asa:

Altura — 5,9 cm

Descrição técnica:

A pasta é de textura friável com desengordurante constituído por grãos de quartzo de calibre médio e elementos micáceos. Su-

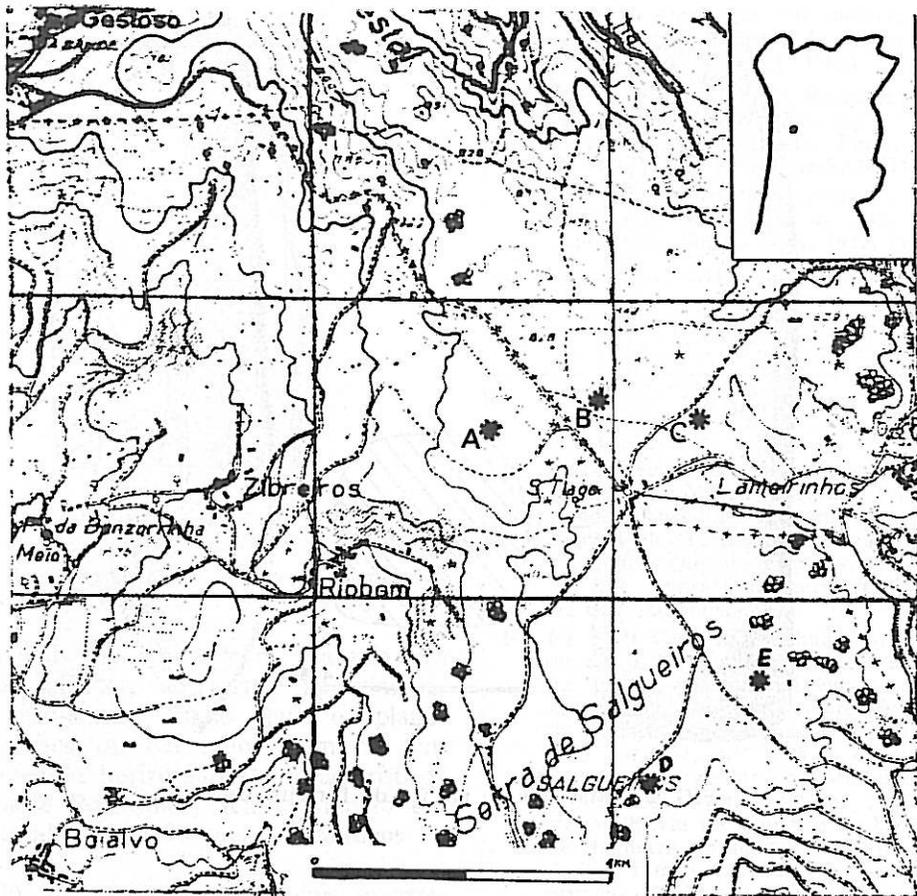


FIG. 1 Localização das mamoa: A — mamoa da Terranha; B — mamoa do Outeiro-Castelo; C — mamoa do Lameiro Longo; D — mamoa da Espinheirinha E — mamoa da Alagoá (esc. 1/25.000).

perfície apenas alisada, de cor bege avermelhada com manchas negras no interior e exterior do vaso resultantes da cozedura.

Descrição morfológica:

Trata-se de um recipiente aberto, tendencialmente tronco-cónico, de perfil ligeiramente sinuoso e fundo plano. O bordo é bastante extrovertido. Apresenta dois arranques de uma asa lateral de prensão horizontal, situados na parte média do corpo do vaso. A parte conservada do recipiente tem sete mamilos aproximadamente circulares na base, de extremidade arredondada e situados em fiada a cerca de 2 cm abaixo do bordo.

É um vaso feito à mão, não muito bem conservado. Falta-lhe a asa e um bocado de bojo de um dos lados (Fig. 3).

4. MATERIAL EM SÍLEX

Do material em sílex de que nos fala Albuquerque e Castro (7), apenas pudemos estudar um pequeno fragmento, por ser o único que encontramos. Verificamos tratar-se de um fragmento de lâmina de 4,8 cm de uma secção trapezoidal e bordo arredondado, retocada lateralmente e na sua parte superior. É uma lâmina ligeiramente recurvada (Fig. 4).

5. CONCLUSÃO

Como não sabemos as condições da jazida, nada podemos adiantar sobre a contemporaneidade ou não, do pequeno espólio do monumento. Resta-nos dizer que o vaso em

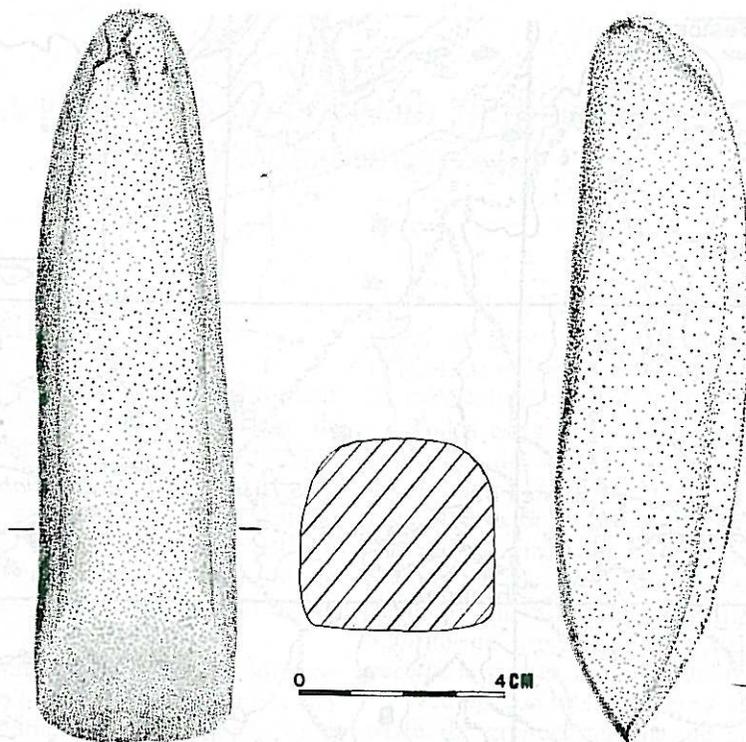


FIG. 2 — Machado da mamoa do Lameiro Longo.

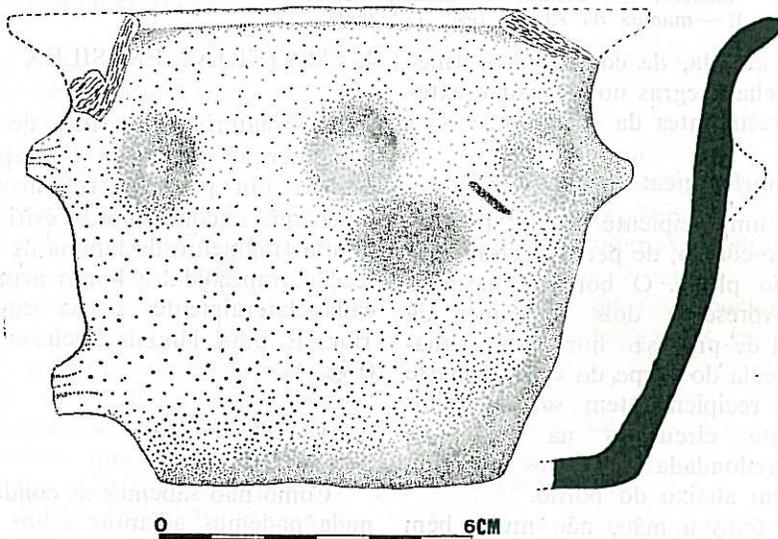


FIG. 3 — Vaso da mamoa da Terranha.

0 3CM

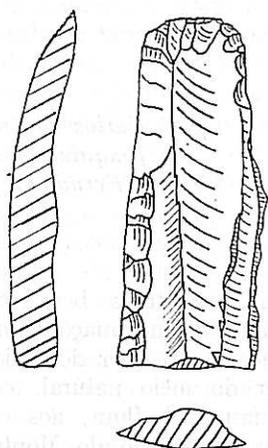


FIG. 4 — Fragmento de lâmina da mamoa da Terranha.

estudo é mais um a inserir na «família dos recipientes abertos, de forma aproximadamente tronco-cônica, fundo plano ou plano-convexo, lisos ou decorados, com ou sem asa de preensão horizontal»⁽⁸⁾ característicos do Noroeste Peninsular; têm aparecido em cistas megalíticas, túmulos megalíticos e povoados.

Situado unicamente os que mais se assemelham, diremos que este vaso encontra paralelos com os recipientes da Cista da Lomba de Coimbra⁽⁹⁾, Mairos (?), Mamóinha da Serra e Meixedo⁽¹⁰⁾ e ainda com alguns vasos de dólmenes da Beira Alta, como o dólmen de Carapito III⁽¹¹⁾ e Pedra de Orca⁽¹²⁾.

Quanto à cronologia, diremos apenas que o vaso tem características que existem desde o neolítico e perduram até ao bronze final.

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Albuquerque e Ferreira, O. da Veiga — *Acerca dos Monumentos Dolmênicos da bacia do Vouga*. Sep. do XXII Congresso Luso-Espanhol, Coimbra, 1956.
- LEISNER, V.; RIBEIRO, L. — *Die Dolmen von Carapito*. «Madrider Mitteilungen», 9, 1968, pp. 11-62.
- MOITA, Irisalva — *Características Predominantes do Grupo Dolmênico da Beira-Alta*. «Ethnos», Lisboa, 5, 1966, pp. 189-312.
- SANCHES, M. de Jesus — *Alguns Vasos Iné-*

ditos do Museu de Antropologia do Porto. «Arqueologia», Porto, 1, Junho de 1980, pp. 12-19 (SANCHES 1980).

SANCHES, M. de Jesus — *Recipientes Cerâmicos da Pré-História Recente do Norte de Portugal*. «Arqueologia», Porto, 3, Junho de 1981, pp. 88-98 (= SANCHES 1981).

SOUTO, Alberto — *Arte Rupestre em Portugal*. «Trab. da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia», Porto, 5 (6), 1932, pp. 285-300.

NOTAS

- (1) Agradecemos ao Dr. António Gonçalves, Director do Museu de Aveiro todas as facilidades concedidas no estudo do espólio da mamoa da Terranha; de igual modo aos Drs. Vítor Oliveira Jorge, A. Maia do Amaral e A. Nunes Pinto pela orientação e ajuda nos desenhos.
- (2), (3) e (7) CASTRO, Albuquerque e, *et al.*, *op. cit.* p. 15. O autor mostra uma fotografia do vaso e do material em sílex, fazendo-lhes uma pequena referência em nota de rodapé, que transcrevo textualmente: «Na Est. n.º 5, 6 e 7 reproduzimos três que se encontra no Museu de Aveiro O vaso que está partido, tem mais ou menos 0,12 m de diâmetro na boca, 0,065 m de diâmetro de fundo e 0,09 m de altura A faca fragmentada de sílex, tem de comprimento 0,135 m?. O fragmento da outra, correspondente à parte da ponta, mede 0,45 m.

Segundo nos informa o Sr. Dr. Alberto Souto, Director do referido Museu, as três peças provêm da mamoa da Terranha, na serra do Arestal (800).»

O fragmento a que nos referimos adiante faz parte desta lâmina com 13,5 cm de comprimento.

- (4) SOUTO, Alberto, *op. cit.*
- (5) Não há qualquer notícia sobre esta escavação. Contamos apenas com a informação oral do Sr. Aristides da Graça, residente no lugar do Arestal, que nos afirma ter Alberto Souto «escavado» o local.
- (6) Segundo a «Carta Geológica de Portugal», escala 1: 50 000, folha 13 D, Oliveira de Azeméis.
- (8) SANCHES 1980 p. 18.
- (9) SANCHES 1980 p. 15.
- (10) SANCHES 1981.
- (11) LEISNER, V., *op. cit.*
- (12) MOITA, Irisalva, *op. cit.*; outros paralelos podem ser encontrados na lista apresentada em SANCHES 1981.